

## AMERICANIDADE, ANTILHANIDADE, CRIOLIDADE: TENTATIVA DE DELIMITAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE INTERLITERÁRIA ESPECÍFICA

*José Eduardo Fernandes Giraudo*

A Literatura Comparada surgiu, poder-se-ia dizer, com o fortalecimento dos Estados nacionais a finais do século dezoito, tratando de se estabelecer como uma tentativa de superação das fronteiras nacionais no atinente ao estudo da coisa literária: firmou-se, pois, como um contraponto à rigidez da separação entre as literaturas nacionais que então tomavam corpo. De acordo com Tania Carvalhal, desenvolveu-se fazendo frente à “necessidade de evitar o fechamento em si das nações recém constituídas e com uma intenção de cosmopolitismo literário”.<sup>1</sup>

Epítome deste espírito cosmopolita, herdeiro do Iluminismo setecentista, talvez tenha sido a expressão goetheana da *Weltliteratur* aquela que soube encarnar o projeto e o programa máximos de uma disciplina nascente.<sup>2</sup> Hodiernamente, entretanto, a Literatura Comparada tem-se movido num âmbito mais restrito que o de uma literatura mundial ou universal, havendo sido superado, para o bem e para o mal, o enciclopedismo subjacente aos primeiros passos da disciplina. A Literatura Comparada, com efeito, tem-se satisfeito com a investigação de comunidades literárias cujas orbes se situam bastante aquém daquelas conformadas pela totalidade do fazer literário humano.

Nesse sentido, avançam-se noções que tentam articular a realidade das literaturas nacionais historicamente estabelecidas com a realidade de condicionamentos histórico-culturais que agem numa esfera supra ou inter-nacional. Uma dessas noções, proposta pela equipe do Professor Dionýz Durisin, de Bratislava, é a de “comunidades interliterárias específicas”<sup>3</sup>, que fornece um quadro analítico capaz de integrar, pelo viés comparatista, o estudo de unidades históricas particulares tais como as literaturas nacionais e o estudo das dinâmicas mais amplas de determinações e sobre-determinações que escapam ao fato nacional.

Nas páginas seguintes tentarei expor, num primeiro momento, brevemente, as idéias mais importantes propostas pelo Professor Durisin, no que respeita à delimitação e ao estudo das comunidades interliterárias específicas. Em seguida

tentarei evidenciar em que medida a noção de “comunidades interliterárias específicas” pode ser aplicada na delimitação e no estudo de um espaço literário afro-americano, a partir de um contraponto com as noções de “Americanidade”, “Antilhanidade” e “Crioulidade”, propostas nos últimos tempos pelos estudiosos da realidade literária afro-americana.

Segundo Durisin, as comunidades interliterárias específicas são “formações vivas e variáveis”, essencialmente “multiformes e variadas”, não constituindo portanto “formações homogêneas”.<sup>4</sup> Assim, a literatura nacional ou alguma outra unidade histórica análoga pode pertencer a vários sistemas ou comunidades, uma vez que uma comunidade interliterária particular pode ser condicionada por determinantes as mais variadas, “cada literatura nacional podendo tornar-se, no curso de seu desenvolvimento histórico, parte componente de diversas comunidades interliterárias específicas”,<sup>5</sup> resultando impossível determinar, de uma vez por todas, os fatores que condicionam a gênese e o funcionamento histórico das comunidades particulares. Tampouco seria possível determinar, de um modo geral, uma hierarquia precisa e sempre válida destes fatores, devendo o estudo do condicionamento histórico das comunidades particulares limitar-se a uma lista de algumas determinantes, sem pretensão de integridade ou hierarquia definitiva.

Durisin introduz, nesse sentido, não como primeiro nem como primordial, “o princípio da etnicidade, da qual resulta geralmente o fenômeno da proximidade, do parentesco e da semelhança dos meios e procedimentos artísticos e ideológicos”.<sup>6</sup>

Em seguida ao princípio da etnicidade, o professor eslovaco aponta para o fator lingüístico, que “participa da existência das comunidades interliterárias, podendo funcionar, como o monolingüismo, como condição por sua forma de identidade lingüística.”<sup>7</sup> A proximidade lingüística, está claro, pode ser causada pelo princípio da etnicidade, mas o monolingüismo também pode sê-lo por determinantes de outra ordem.

Dois outros fatores elencados por Durisin são o fator geográfico e o administrativo. O primeiro é o que permite falar, por exemplo, de literaturas “européias-orientais”, ou “mediterrânicas”. Já o segundo “frequentemente coincide com o princípio da formação do estado” e, sobretudo na época atual, “manifesta tendências no sentido da criação de sistemas históricos poliliterários, convencionalmente chamados literaturas multinacionais”.<sup>8</sup> Exemplo da importância deste último fator seria a literatura soviética, em que aos fatores de ordem étnico-lingüística se somaram aqueles que visavam à formação do estado, bem como pontos de partida políticos e ideológicos comuns. De resto, a mesma orientação tipológica manifestar-se-ia na unidade e na diversidade das partes componentes das literaturas suíça, belga ou canadense.

Por fim, os fatores ideológicos ou políticos desempenham também uma função importante e dividem as literaturas em dois grupos essenciais, a saber, as literaturas socialistas por um lado e as literaturas não-socialistas por outro; estes fatores contribuem igualmente para o surgimento de tendências diferenciais no interior destes grupos.

“Um tal fator diferencial importante, resultante da relação colonial, difere as literaturas das colônias, por um lado, das literaturas das metrópoles, por outro”.<sup>9</sup> Este fator, desnecessário é dizê-lo, desempenha um papel fundamental na tentativa de delimitação de uma comunidade interliterária afro-americana, inextricavelmente presa a sua origem colonial e neo-colonial.

A unidade do geral e do particular, característica, segundo Durisin, dos sistemas poliliterários, “tem como consequência uma modificação da função integradora, por um lado, e da função diferencial, por outro”.<sup>10</sup> Nas comunidades literárias específicas produzem-se intensas metamorfoses a partir da função de complementaridade, resultantes de uma proximidade mútua das tendências do processo entre as literaturas em contato: “a proximidade das literaturas tem como resultado as formas extraordinariamente intensas das correlações mútuas que se manifestam, no curso da história, no fato do complemento mútuo”.<sup>11</sup>

*Tal função de complementaridade pode ser dividida em complementaridade histórica e evolutiva, por um lado, e intencional ou desejada, por outro.* Segundo Durisin, a complementaridade histórica ou evolutiva das literaturas em contato é o resultado de um processo legítimo em si mesmo das literaturas no quadro das comunidades interliterárias particulares: “sua consequência pode ser vista como um ato histórico e evolutivo da alternância dos impulsos do processo com relação à coexistência histórica mútua das literaturas de uma comunidade interliterária particular”.<sup>12</sup> Do mesmo modo, nas comunidades interliterárias específicas, e em especial naquelas com o caráter de sistemas multinacionais, em que estão presentes fatores de ordem político-administrativa e ideológica, pode-se observar, além da complementaridade histórico-evolutiva, o fenômeno da complementaridade intencional, desejada, que “se baseia no desenvolvimento consciente e refletido da totalidade literária e artística da comunidade interliterária”.<sup>13</sup>

Ainda segundo Durisin, as comunidades interliterárias não existem e tampouco se desenvolvem isoladamente, mas na interação variável com seu meio: “trata-se com frequência de uma determinação de tipo particular com caráter parcial e que não toca todas as partes componentes da literatura (nacional) da qual se parte”.<sup>14</sup> Nesse sentido, Durisin propõe a adoção dos conceitos de “convergência” e “divergência” do processo no esforço de se identificarem as categorias diferenciais e integrantes do tipo mencionado.<sup>15</sup>

Com efeito, as relações contínuas e descontínuas são um elemento constitutivo de não importa qual processo literário. De um modo particularmente notável manifestam-se elas nas comunidades interliterárias que nasceram ou que ainda vivem nos termos de relações coloniais ou neocoloniais: no quadro da comunidade literária latino-americana trata-se das correlações entre a literatura espanhola, portuguesa, francesa, inglesa e holandesa. De um modo geral, segue o professor Durisin, “pode-se dizer que a tendência integradora tanto é mais fraca com relação à tradição e à convenção literária do país, com relação à herança literária, quanto mais fortes são os elementos integradores com relação à cultura e à literatura estrangeira, importada, *metropolitana*, e vice-versa”; a bem da verdade, conclui Durisin, “a política cultural colonial

com suas tendências unificadoras violentas está fundada sobre este fato”.<sup>16</sup> Uma tal conclusão nos é importante, veremos, porquanto permite identificar o processo de deslizamento das literaturas afro-americanas desde o quadro das convergências linguístico-administrativas das “comunidades” francófona, anglófona, etc., em direção ao quadro das continuidades e solidariedades etno-geográficas conformadoras de uma comunidade interliterária especificamente afro-americana.

Mais adiante, Durisin apresenta o conceito de “representatividade” da literatura, que exprimiria “em que medida e de que modo a literatura de uma certa comunidade interliterária que se forma em condições coloniais ou de subordinação extraliterária apresenta a realidade da vida em todos os seus níveis”.<sup>17</sup> Ao inverso da representatividade, ou ainda à “representatividade zero” da literatura, Durisin dá o nome de “tabuização”, ou seja, “o desvio forçado de algumas manifestações da vida da sociedade, a proibição da modificação artística de certas manifestações da vida, geralmente daquelas que não correspondem às tendências oficiais da submissão social e nacional”.<sup>18</sup> Aos diversos momentos da formação e do desenvolvimento das literaturas afro-americanas, com efeito, corresponde uma maior ou menor medida de representatividade ou tabuização, o que contribui igualmente para o processo de deslizamento desde as convergências no sentido da metrópole para as convergências no sentido etno-geográfico.

A incidência dos fenômenos da representatividade e da tabuização contribuiu não apenas para a evolução específica de alguns gêneros literários e de formas de projeção, mas resultou também frequentemente no desenvolvimento irregular de certas literaturas e de sua história. O conceito de “irregularidade”, aqui, precisa Durisin, não é sinônimo de “atraso”, portanto a qualidade negativa do desenvolvimento; pelo contrário, “na maioria dos casos marca o fenômeno positivo por excelência, trazendo novas formas de expressão artística específica”.<sup>19</sup>

O estudo das comunidades interliterárias latino-americanas, continua Durisin, permite a introdução de uma categoria específica: o “sincretismo de tradições literárias”. Tal fenômeno explicar-se-ia pela tensão entre a ortodoxia ideológica do catolicismo e a sua complacência para com a herança cultural das diferentes raças e civilizações. Em virtude disto, ter-se-ia implantado, ao longo da história, “numa simbiose específica, um tipo de cultura crioula, meteca, mulata nas manifestações literárias e artísticas isoladas”.<sup>20</sup> A crioulaização, a hibridização, é também marca das literaturas afro-americanas em todos os momentos de seu desenvolvimento e, como veremos, a ênfase neste aspecto pode orientar tentativas de delimitação de comunidades literárias específicas.

Um outro problema abordado por Dionyz Durisin é o dos chamados “centrismos literários”; efetivamente, o exame das comunidades interliterárias específicas leva ao conhecimento de suas características e qualidades particulares, ao mesmo tempo em que sugere a imaginação de grandes conjuntos regionais que levam ao problema dos ditos centrismos.

A busca de centrismos literários ultrapassa as fronteiras das comunidades interliterárias e acima de tudo das comunidades de tipo isolado, e ao mesmo tempo resolve muitas questões que dizem respeito diretamente às comunidades, certa-

mente não apenas no domínio da teoria literária, mas também no domínio da história da literatura, da prática literária e da ciência da literatura mais amplamente concebida.<sup>21</sup>

No caso das literaturas afro-americanas, o estudo do problema nas linhas acima sugeridas pode levar a um equacionamento mais satisfatório das questões frequentemente colocadas pelo “eurocentrismo”, “afrocentrismo”, etc.

Do mesmo modo que os “centrismos”, a “literatura nacional”, atualmente interpretada como uma unidade histórica e literária suprema, é relativizada pela análise interliterária. Segundo Durisin, no processo interliterário “a literatura nacional, bem como as categorias teóricas e históricas, tornam-se uma componente de subordinação, todas as categorias frequentes sendo, na nova hierarquia, submetidas à modificação qualitativa e à mudança de seu conteúdo primário”.<sup>22</sup> Novamente, aqui, eis uma colocação que em muito ajudará na compreensão da dinâmica própria do processo de desenvolvimento histórico das literaturas afro-americanas, uma vez que este não se deixa encerrar nos limites estanques das literaturas nacionais entendidas no sentido moderno europeu, que pressupõe o estado-nação como o lugar privilegiado do desenvolvimento histórico-literário.

Uma outra questão desenvolvida por Durisin é o “processo acelerado”, um conceito que, compreendido no sistema da comparatística literária tradicional, exprime, e ainda exprime, o movimento das literaturas menos diferenciadas sobre o nível dos sistemas literários mais diferenciados. “Trata-se”, segundo Durisin, “de uma absolutização do fator temporal, que classificou o processo evolutivo aprioristicamente e por isso os fenômenos que a ele estavam submetidos” e que com isso “excluiu de fato a possibilidade de uma outra e diferente direção evolutiva não repetida e com isso anulou as conformidades à lei do ato inovador e do progresso”.<sup>23</sup> Gnoseologicamente, sustenta Durisin, “o conceito de desenvolvimento acelerado era adequado ao conceito de influência literária, ambos supondo tacitamente a proporcionalidade da evolução da literatura e da arte e ambos em contradição com a lei do desenvolvimento não-proporcional, resultante das diferentes formas de determinação da literatura”.<sup>24</sup>

O “desenvolvimento acelerado”, conclui Durisin, não deve ser compreendido como o resgate das etapas evolutivas de certos sistemas literários por outros sistemas literários, como se todos os sistemas literários em sua história tivessem de percorrer as mesmas etapas de desenvolvimento.

Não se trata aqui do processo de imitação de caminhos estrangeiros, mas antes de um esforço de aproximar-se o mais brevemente possível do fim estabelecido, que corresponderia à direção original dos processos evolutivos de uma certa literatura nacional ou de uma literatura semelhante dita ‘individual’, direção esta que não é condicionada pelo seguir-se o exemplo de uma outra literatura, mas por determinantes diferentes.<sup>25</sup>

No caso das literaturas afro-americanas, o “desenvolvimento acelerado”, efetivamente, deve ser compreendido como aquilo que Édouard Glissant chamou de “nossa irrupção na modernidade”.<sup>26</sup>

Durisin refere-se ainda ao fenômeno do que chama “incorporação ulterior” dos valores literários aos sistemas. Com efeito, a dinâmica do processo literário manifesta-se não apenas na “ultrapassagem” das tradições literárias, mas igualmente no retorno esporádico às épocas precedentes e aos êxitos que lograram. Um tal retorno resulta do fato de que certas obras literárias não se tornaram, à época de sua gênese, parte componente ativa do processo evolutivo permanecendo no fundo da corrente evolutiva dominante, podendo exprimir-se pelo conceito de “incorporação ulterior” dos valores artísticos ao sistema da literatura mundial ou ao sistema de uma unidade literária histórica qualquer. Para Durisin, a categoria da incorporação ulterior é continuamente funcional mesmo no desenvolvimento da historicidade literária nacional, na construção da história da literatura nacional e acima de tudo na etapa da pesquisa, para a qual é característica a recolha do material, sua classificação literária histórica e sua apreciação.<sup>27</sup>

No que diz respeito às literaturas afro-americanas, efetivamente, a “incorporação ulterior” representa um fenômeno corrente na recuperação e remodelação de valores expressivos e, mais que isso, é um dos meios através dos quais são construídas as afinidades e estabelecidas as inter-referências, as convergências, as linhas de continuidade que permitem esboçar-se uma comunidade interliterária especificamente afro-americana.

Por fim, Dionyz Durisin faz menção à tradução no processo interliterário, atentando para a importância desta que é “uma das manifestações mais notáveis da interação literária, cuja essência ontológica repousa no fato de ser produto da comunicação interliterária ao mesmo tempo em que condiciona sensivelmente esta mesma comunicação interliterária”.<sup>28</sup> Adiante, afirma ainda que “o bilinguismo e o fato biliterário tornam possível a apropriação simultânea de duas formas, duas variantes da concretização artística de um determinado texto”,<sup>29</sup> daí resultando o enriquecimento do sistema literário como um todo. Aqui novamente encontramos uma observação de extrema utilidade no exame de realidades literárias bilíngues ou diglóticas, como é o caso de boa parte da produção literária afro-americana, bem como no exame de como a prática da tradução se orienta no sentido das convergências que fazem e desfazem o desenho das comunidades interliterárias específicas.

Os conceitos de “Americanidade”, “Antilhanidade” e “Crioulidade” surgiram, nas últimas décadas, como uma reação, por parte de um conjunto de escritores e teóricos afro-americanos, à crise do movimento da Negritude, evidenciada a partir dos anos sessenta.

A Negritude, movimento surgido na década de 30 ao redor de escritores caribenhos como Aimé Césaire, Étienne Léro, René Ménil, Léon Gontran Damas, e africanos como Osmane Socé e Léopold Sédar Senghor, entrara em crise, com efeito, a partir das críticas formuladas por participantes do próprio grupo, como René Ménil, bem como por uma nova geração de escritores envolvidos com a questão afro-americana, tais um Franz Fanon ou um Stanislas Adotévi, e mesmo por um Jean-Paul Sartre, que não deixou de criticar a deriva essencialista da Negritude.

depois de a haver sobejamente elogiado.

O divisor de águas da pós-Negritude, entretanto, foi a diferença surgida entre Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, os dois referenciais máximos do movimento, em que o prefeito de Fort-de-France criticava ao presidente do Senegal o haver transformado a Negritude numa ideologia de estado baseada num misticismo africanista e numa concepção biologista da cultura, que o autor do *Cahier d'un Retour au Pays Natal* não hesitou em chamar uma espécie de “gobinismo às avessas”.<sup>30</sup>

A Negritude, de fato, fez suceder, no dizer de Patrick Chamoiseau, à Europeidade a Africanidade, à ilusão da Europa a ilusão da África, marcando-se logo pela “exterioridade” de suas aspirações, de seu modo de expressar a revolta e de sua própria afirmação de si.<sup>31</sup>

Em vez da afirmação da concretude complexa da experiência histórica americana, a idealização de uma África longínqua e mítica; em vez da revolta do homem concreto afro-americano, a revolta do Negro com maiúscula, o Oprimido com O maiúsculo; em vez da afirmação de si como americano, a afirmação de si como Africano. A Negritude, assim, em vez de afirmar seu domicílio no “aqui” americano, encerrou a literatura afro-americana na busca de um “alhores” transatlântico que apenas a alienava dos vetores culturais reais que a informavam.

Com vistas a resolver, pelo menos em parte, os problemas colocados pela crise da Negritude, um compatriota de Césaire, o escritor martiniquenho Édouard Glissant, proporia, desde os anos sessenta, o conceito de “Antilhanidade”, que desenvolveria com maior atenção no início da década de 1980, quando da publicação de seu livro *Le Discours Antillais*.<sup>32</sup>

Com Édouard Glissant e a “Antilhanidade” por ele proposta, tratar-se-ia não de privilegiar a Europa ou a África, mas antes de explorar-lhes as respectivas contribuições para aquilo que veio a ser a cultura antilhana, de compreender o que é o Antilhano. A Antilhanidade repousaria, pois, na possibilidade de se fundar uma nação nas Antilhas ou de se recriarem as Antilhas como nação: apesar das diferenças sociais, políticas e econômicas entre os países da região, laços de unidade seriam tecidos pela literatura, “a nação aperecendo não como eco de um sectarismo, mas como promessa de uma partilha com outras”.<sup>33</sup>

A Antilhanidade designa “o processo de americanização de europeus, africanos e asiáticos através do arquipélago antilhano”. Trata-se de um conceito acima de tudo geopolítico.<sup>31</sup> Fundamentalmente geopolíticos seriam, portanto, os laços de solidariedade a sustentar uma comunidade interliterária cujos limites se definissem pelo espaço geo-cultural antilhano. Assim, a literatura de Porto Rico, ou a de Cuba, partilharia desta Antilhanidade do mesmo modo que a Martinica ou o Suriname, ambas encontrando-se numa situação análoga àquela que faz com que as literaturas, digamos, malaio-indonésia e indochinesa possam ser indistintamente estudadas sob a rubrica de “literatura do sudeste da Ásia”, ou ainda as literaturas malgaxe, moçambicana de expressão portuguesa e boer sob a rubrica de “literatura da África austral”.

Já o conceito de “Americanidade” designa, segundo Bernabé e Chamoiseau, o sentimento decorrente de um processo de americanização, “adaptação progressiva das populações do mundo ocidental às novas realidades do mundo que batizaram novo, e isto sem interação profunda com outras culturas”.<sup>35</sup> A Americanidade seria portanto, em grande parte, “uma cultura emigrada”.<sup>36</sup> Seria a característica da cultura das populações que Darcy Ribeiro chamou “transplantadas”,<sup>37</sup> tais como a de colonos alemães e italianos na Argentina, no Chile ou no sul do Brasil, ou dos anglo-saxões da Nova Inglaterra.

Já o escritor haitiano René Depestre parece esboçar uma outra definição para o conceito de Americanidade. O autor de *Hadriana dans Tous Mes Rêves*, *Alleluia pour une Femme Jardin* e de *Mât de Cocagne*, num inventário lúcido do movimento da Negritude publicado no início da década de oitenta, intitulado *Bonjour et Adieu à la Négritude*, busca as origens da Americanidade nas noções como a da “haitianidade” ou da “cubanidade”, identificando à Americanidade “o grupo de criadores latino-americanos sem raça que simplesmente drenam em suas produções as expressões da americanidade, onde todos os tipos sociais de nosso metabolismo histórico se reconhecem intensamente na cálida fraternidade universal da obra de arte”.<sup>38</sup> Note-se, aqui, que Depestre fala de escritores “latino-americanos” apenas: não é à toa que vai buscar nos escritos martinianos sobre “Nuestra América” a inspiração maior de suas reflexões sobre a literatura americana. De todo modo, participam da Americanidade, segundo Depestre, indistintamente escritores como os cubanos Nicolás Guillén e Alejo Carpentier; os brasileiros Jorge Amado e João Guimarães Rosa, o chileno Pablo Neruda, os mexicanos Juan Rulfo e Carlos Fuentes, o martiniquenho Aimé Césaire e o argentino Julio Cortázar.<sup>39</sup>

A diferença fundamental entre as duas acepções da Americanidade, do ponto de vista da delimitação de uma comunidade interliterária específica tal qual definida na primeira parte deste trabalho, reside em que os laços de solidariedade que sustentariam uma tal comunidade seriam de natureza geopolítica num caso, e antropológica, cultural, no outro. Nesse sentido, a idéia de Americanidade tal como definida por Bernabé e Chamoiseau aproximar-se-ia da idéia de Antilhanidade tal como estes autores a definem; por outro lado, a Americanidade advogada por Depestre aponta no sentido de afinidades antropológicas, e portanto se aproxima da noção de Crioulidade, nos termos em que Bernabé e Chamoiseau a definem.

De acordo com estes últimos autores, com efeito, a Crioulidade é “o agregado interacional ou transacional dos elementos caraíbas, europeus, africanos, asiáticos e levantinos que o jugo da História reuniu sobre um mesmo solo”.<sup>40</sup> O conceito de Crioulidade, portanto, aproxima-se do conceito de Mestiçagem: equivaleria, talvez, no plano da cultura, ao que este último conceito pretende significar no plano racial. Seria característica talvez não mais de povos “transplantados” mas de povos “novos”, tal como as define Darcy Ribeiro.<sup>41</sup> Aproxima-se, de todo modo, da idéia de Americanidade proposta por Depestre, remetendo a processos antropológicos mais profundos que a simples pertença a um agregado geopolítico.

Segundo Bernabé e Chamoiseau, “convém distinguir Americanidade, Antilhanidade e Crioulidade, conceitos que, à primeira vista, poderiam parecer referir-se às mesmas realidades”.<sup>42</sup> Em primeiro lugar, a Crioulidade não deve ser confundida com a Americanidade porquanto os processos históricos de Crioulização e de Americanização não são os mesmos: com efeito, a Americanização foi um processo de “transplante” de culturas alógenas nas terras americanas, enquanto a Crioulização foi “a mistura não harmoniosa das práticas linguísticas, religiosas, culturais, culinárias, arquitetônicas, medicinais, etc. dos diferentes povos presentes”.<sup>43</sup> Existiriam, portanto, diversas crioulidades: uma crioulidade antilhana, uma crioulidade brasileira, uma crioulidade africana, uma crioulidade polinésia, etc., assaz dessemelhantes entre si mas todas resultantes do mesmo *maelström* histórico. A Crioulidade, assim, segundo estes autores, engloba e aperfeiçoa a Americanidade porquanto implica o duplo processo de adaptação dos europeus, dos africanos e dos asiáticos ao Novo Mundo, e de confrontação cultural entre estes povos no seio de um mesmo espaço, resultando na criação de uma cultura sincrética dita crioula.<sup>44</sup>

Já a Antilhanidade, província da Americanidade, padece das mesmas limitações daquele conceito, omitindo “que houve em certas ilhas, mais que uma simples americanização, um fenômeno de crioulização, e portanto de crioulidade”.<sup>45</sup> Assim, por exemplo, não houve crioulização em certas zonas ao norte de Cuba, onde a cultura trazida por imigrantes galegos ou andaluzes apenas se americanizou, ao passo que nas Antilhas francesas, ou no Haiti, o que houve foi um profundo processo de crioulização. Os antilhanos crioulos, assim os martiniquenhos, por exemplo, são portadores de uma dupla solidariedade: de uma solidariedade antilhana, de ordem geopolítica, com os outros povos caribenhos, independentemente das diferenças culturais; e de uma solidariedade crioula com os outros povos que partilham das mesmas afinidades antropológicas, seja eles africanos, malgaxes, asiáticos ou polinésios.

Em vista disto, parece-nos que o exercício de delimitação de uma comunidade interliterária especificamente afro-americana deveria levar em conta, na medida em que devem ser evidenciadas as solidariedades que a sustentam, ora o desenho geopolítico historicamente determinado pelos limites da economia de plantação e pelo povoamento de origem africana, ora o desenho cultural determinado pelas afinidades entre os processos de crioulização em presença, tanto no interior daquele espaço geográfico quanto fora dele. Assim, compreender-se-iam melhor os deslizamentos das realidades literárias sob escrutínio ora no sentido de uma, ora no sentido de outra possível comunidade interliterária, e evitar-se-iam confusões no que respeita às especificidades de cada uma delas. O manejo cuidadoso, enfim, da conceituação proposta pelo professor Durisin e sua equipe, somado ao estudo dos *enjeux* teóricos e metodológicos dos conceitos de Americanidade, Antilhanidade e Crioulidade tais como propostos pelos estudiosos da realidade literária afro-americana, pode e deve ajudar em muito na compreensão da possibilidade e das possibilidades de uma prática e de uma reflexão literárias especificamente afro-americanas.

## NOTAS

- <sup>1</sup> CARVALHAL, Tania Franco. “Literatura Comparada: A Estratégia Interdisciplinar”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, no. 1, p. 9, março 1991.
- <sup>2</sup> “O termo *literatura nacional* não significa grande coisa hoje; estamos indo na direção de uma época de literatura universal, e cada um deve se empenhar em apressar a vinda dessa época”. *Conversations de Goethe avec Eckermann*, Paris, Gallimard, 1941, p. 158.
- <sup>3</sup> DURISIN, Dionyz et collectif. *Les Communautés Interlittéraires Spécifiques*. Veda, Éditions de l’Académie des Sciences Slovaque, 1991.
- <sup>4</sup> DURISIN, Dionyz et collectif. Op. cit., p. 11.
- <sup>5</sup> Idem, p. 12.
- <sup>6</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>7</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>8</sup> Idem, p. 13.
- <sup>9</sup> Idem, p. 14.
- <sup>10</sup> Idem, p. 15.
- <sup>11</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>12</sup> Idem, p. 16.
- <sup>13</sup> Idem, p. 17.
- <sup>14</sup> Idem, p. 18.
- <sup>15</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>16</sup> Idem, p. 19.
- <sup>17</sup> Idem, p. 22.
- <sup>18</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>19</sup> Idem, p. 23.
- <sup>20</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>21</sup> Idem, p. 24.
- <sup>22</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>23</sup> Idem, p. 27.
- <sup>24</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>25</sup> Idem, p. 28.
- <sup>26</sup> GLISSANT, Édouard. *Le Discours Antillais*, Paris, Seuil, 1981.
- <sup>27</sup> DURISIN, DIONYZ et collectif. Op. cit., pp. 29-30. Nesse sentido, a colocação de Octavio Paz, apud Antonio Risério, *Textos e Tribos*, São Paulo, Imago, 1993, p. 192: “O velho de milênios também pode atingir a modernidade: basta que se apresente como uma negação da tradição e que proponha outra. Ungido pelos mesmos poderes polêmicos do novo, o antiquíssimo não é um passado: é um começo. A paixão contraditória ressuscita-o, anima-o e o transforma em nosso contemporâneo”.
- <sup>28</sup> Idem, p. 33.

<sup>29</sup> Idem, p. 35.

<sup>30</sup> DEPESTRE, René. *Buenos Días y Adiós a la Negritud*. La Habana, Casa de las Américas, 1987, p. 105.

<sup>31</sup> BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU, Patrick & CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la Créolité*. Paris, Gallimard/Presses Universitaires Créoles, 1989, p. 20.

<sup>32</sup> Édouard Glissant explica que a primeira vez em que empregou o conceito foi numa conferência de Daniel Guérin perante os estudantes da Association générale des étudiants martiniquais, em 1957 ou 1958: “Daniel Guérin qui venait d’appeler à une Fédération des Antilles dans son ouvrage *Les Antilles décolonisées*, s’étonna pourtant de ce néologisme qui supposait plus qu’un accord politique entre pays antillais”. *Le Discours Antillais*.

<sup>33</sup> BERND, Zilá. *Negritude e Literatura na América Latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987, p. 63.

<sup>34</sup> BERNABÉ, CHAMOISEAU & CONFIANT. Op. cit., p. 32.

<sup>35</sup> Idem, p. 30.

<sup>36</sup> Idem, ibidem.

<sup>37</sup> RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização*. Petrópolis, Vozes, 1982.

<sup>38</sup> DEPESTRE, René. Op. cit., p. 109.

<sup>39</sup> Idem, p. 110.

<sup>40</sup> BERNABÉ, CHAMOISEAU & CONFIANT. Op. cit., p. 26. O trecho segue: “Durante três séculos, as ilhas e as fraldas de continente que este fenômeno afetou, foram verdadeiras forjas de uma humanidade nova, onde línguas, raças, religiões, costumes, maneiras de ser de todas as faces do mundo, encontraram-se brutalmente desterritorializadas, transplantadas a um meio em que tiveram de reinventar a vida. Nossa crioulidade nasceu portanto desta formidável mistura que se tentou já apressadamente reduzir só a seu aspecto linguístico ou a um só dos termos de sua composição”.

<sup>41</sup> Op. cit.

<sup>41</sup> BERNABÉ, CHAMOISEAU & CONFIANT. Op. cit., p. 29.

<sup>43</sup> Idem, p. 31.

<sup>44</sup> Idem, ibidem.

<sup>45</sup> Idem, p. 32.

---

JOSÉ EDUARDO FERNANDES GIRANDO é diplomata e doutorando em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.